

Alípio de Miranda Ribeiro e as lições da Comissão Rondon para o Museu Nacional

Maria Rosa Lopez Cid
Ricardo Waizbort

Resumo: Durante as décadas finais do século XIX e as iniciais do século XX, as concepções científicas se modificavam no Brasil, da mesma forma que acontecia em todo o mundo ocidental. O Museu Nacional do Rio de Janeiro sofreu muitas reformas que refletiam essas mudanças. Nessa instituição estavam inseridos muitos pesquisadores brasileiros e estrangeiros em sintonia tanto com as questões científicas mundiais quanto com os problemas políticos e sociais do país. Ao mesmo tempo em que tentavam através da ciência encontrar soluções para os problemas pelos quais o Brasil passava, esses atores também se esforçavam para construir suas próprias identidades como cientistas e intelectuais idôneos. Entre esses atores estava Alípio de Miranda Ribeiro (1874-1939), cuja produção científica e trajetória podem iluminar um pouco mais as relações entre ciência, civilização e a idéia de nação, e revelar o papel das teorias evolucionistas, especialmente o darwinismo, como repertório importante para construção de identidades profissionais e institucionais.

Palavras-chave: Miranda Ribeiro, Alípio de; Museu Nacional; Darwinismo

Alípio de Miranda Ribeiro and the lessons of the Rondon Commission to the National Museum

Abstract: During the final decades of the nineteenth and early twentieth century, scientific conceptions changed in Brazil, just as happened in the Western world. The National Museum of Rio de Janeiro was undergoing many reforms that reflected these changes. In the National Museum were working many Brazilians and foreigners researchers both in tune with the global scientific issues and the backgrounds political and social problems. While trying to find solutions through science to problems in which Brazil passed, these men also struggled to build their own identities as reputable scientists and scholars. Among these actors were Alípio de Miranda Ribeiro (1874-1939), whose science production and history can shed light on relationship between science, civilization and the idea of nation, while revealing the role of evolutionary theories, especially Darwinism, as important repertoire for the construction of professional and institutional identities.

Keywords: Miranda Ribeiro, Alípio de; National Museum; Darwinism

Alípio de Miranda Ribeiro e as lições da Comissão Rondon para o Museu Nacional

Maria Rosa Lopez Cid*
Ricardo Waizbort**

1 INTRODUÇÃO

As relações entre ciência e civilização ou entre ciência, educação e civilização são temas que têm sido tratados por vários trabalhos na historiografia brasileira, em especial, na historiografia das ciências (Lopes, 2005; Stepan, 2004; Domingues, Sá & Glick, 2003; Collichio, 1988). Os indivíduos educados no Brasil do final do século XIX e início do século XX pareciam acreditar que se a ciência fosse utilizada para elaborar projetos em muitos campos da vida social, como a educação, a saúde, a economia e mesmo a política, a nação progrediria e se tornaria civilizada (Lopes, 2005; Stepan, 2004; Domingues, Sá & Glick, 2004; Gualtieri, 2003; Alonso, 2002; Lima, 1999; Benchimol, 1999; Hochman, 1988; Collichio, 1988).

No entanto, a forma como grupos de intelectuais apreenderam teorias científicas e as utilizaram como ferramentas de interpretação e re-elaboração da imagem do país foi diferente em diversos aspectos.¹ Essa diferença pode estar relacionada a muitos fatores. Entre eles

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História das Ciências da Saúde - Casa de Oswaldo Cruz / FIOCRUZ. Telefone: (55) (21) 2603-5411. E-mail: lopezcid2000@yahoo.com.br

** Programa de Pós-graduação em História das Ciências da Saúde. Pesquisador associado da Casa de Oswaldo Cruz / FIOCRUZ. Telefone: (55) (21) 2590-3489. E-mail: riew@coc.fiocruz.br

¹ Vide os trabalhos mencionados no parágrafo anterior.

poderíamos citar o ambiente político-econômico e social em que os indivíduos estão inseridos, a sua formação (local em que estudou e o tipo de curso, por exemplo), as tradições científicas dominantes em sua formação, as relações pessoais que estabeleceram em sua trajetória, as instituições das quais participaram e suas práticas científicas.

De acordo com Patrick Petitjean, a ciência teve papel importante na modernização do Estado, na legitimação das elites e na constituição de movimentos nacionalistas (Petitjean, 1996, p. 26).

Segundo Maria Amélia Dantes e Amélia Hamburguer, Portugal trouxe para o Brasil suas tradições “marcadas pelas relações profundas com as instituições científicas e culturais da Revolução Francesa”, e essa tradição iluminista “fortalecia e ampliava o papel social dos cientistas e das instituições científicas” (Dantes & Hamburguer, 1996, p. 18). Além disso, entre o final do século XIX e o início do século XX, estava ocorrendo o “movimento dos museus”, que expandiu redes de intercâmbio, ampliou coleções, criou catálogos difundiu mais rapidamente conceitos e informações, e ajudou a fortalecer ainda mais essas instituições (Lopes, 2005, p. 18). No final da década de 1880, o Museu Nacional do Rio de Janeiro, instituição criada por D. João VI, em 1818², com o objetivo de pesquisar e divulgar conhecimentos sobre as ciências naturais no país, sofreu muitas reformas que refletiam essas mudanças (Gualtieri, 2003, p. 68). Nessa instituição estavam inseridos muitos pesquisadores brasileiros e estrangeiros em sintonia tanto com as questões científicas mundiais quanto com os problemas políticos e sociais do país.

Entre eles estava Alípio de Miranda Ribeiro (1874-1939), naturalista que trabalhou no Museu Nacional do Rio de Janeiro entre 1894 e 1939, realizando pesquisas sobre muitos temas, alguns deles caros ao naturalista inglês Charles Darwin (1809-1882), cujos trabalhos parecem ter influenciado bastante Alípio Ribeiro. Esse fenômeno não ocorreu exclusivamente com Alípio Ribeiro. Regina Gualtieri obser-

² Na época de sua criação a instituição era chamada Museu Real do Rio de Janeiro. Em 1824 era referido como Museu Imperial e Nacional e, após a República, passou a se chamar Museu Nacional (*Dicionário Histórico e Biográfico das Ciências da Saúde*. Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>>. Acesso em: 22/julho/2005).

va em sua tese, que desde meados da década de 1870, os trabalhos publicados no periódico da instituição tinham um viés evolucionista, em alguns casos, darwinista (Gualtieri, 2001, pp. 57-58, p. 82).

2 ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO E AS LIÇÕES DA COMISSÃO RONDON

O dia 8 de janeiro de 1939 foi marcado com um signo nefasto, cobrindo de luto os assentamentos históricos das ciências naturais do Brasil: a morte implacável que não faz diferença entre os homens, ceifando a vida dos sábios e dos analfabetos, dos ricos e dos pobres, dos velhos e dos moços, tirou, nesse dia, das fileiras dos naturalistas militantes, aquele que, com tanta ânsia, queria ver ao lado da imortal obra da “Flora Brasiliensis” de Martius, uma outra sobre a fauna da nossa querida terra. Privou o Museu Nacional do Rio de Janeiro de um de seus mais dedicados servidores e feriu muitos corações por terem perdido um amigo leal e dedicado, o Professor Alípio de Miranda Ribeiro. (Kretz, 1942, s.p.)

Assim José Kretz, assistente do diretor do Departamento de Zoologia do Museu Paulista, se referiu ao zoólogo por ocasião de sua morte. Kretz também menciona as colaborações de Ribeiro na organização e classificação do material ictiológico e batracológico do Museu, assim como os artigos que escrevia para a revista, elogiando a atuação do zoólogo pelo “trabalho realizado em tempos que não eram favoráveis a cientistas e homens de serviço que pouco se presta[m] para propaganda” (Kretz, 1942, s.p.).

Alípio de Miranda Ribeiro nasceu em Rio Preto, Minas Gerais, no dia 21 de fevereiro de 1874, passando a infância na cidade natal com seus pais. Mais tarde, mudou-se para o Rio de Janeiro para frequentar o curso secundário e, depois, estudar medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Chegou a matricular-se na faculdade, mas nunca concluiu o curso (Kretz, 1942, p. 4).

Segundo seu biógrafo, a paixão pela zoologia era evidente desde a infância, quando colecionava animais e lia “com grande interesse, tratados de assuntos zoológicos” (Kretz, 1942, p. 4). O próprio Alípio de Miranda Ribeiro diz que antes de se mudar para o Rio de Ja-

neiro copiou em manuscrito a *História natural popular* do Dr. Anstet, na biblioteca de Valença, lugar onde também encontrou uma “edição de luxo de Buffon (que para ler e traduzir precisei primeiro estudar o francês – tendo também traduzido a parte dos Símios)” (Ribeiro, 1945 [1916], p. 69).

Costumava passar as horas vagas no Museu Nacional que o tinha impressionado desde a primeira vez em que lá esteve:

Quando entrei, pela primeira vez, no Museu Nacional, era ainda estudante de preparatórios. [...] tive uma formidável emoção por encontrar aquele repositório que eu julgava a solução de tôdas as dificuldades da zoologia. (Ribeiro, 1945 [1916], p. 69)

Logo em seguida, conheceu o então diretor do Museu Nacional, Ladislau Neto (1838-1894) e lhe pediu permissão para “frequentar aquele templo” (Ribeiro, 1945 [1916], p. 69). A permissão foi imediatamente concedida e, a partir daí, Miranda Ribeiro passou a integrar o quadro de funcionários da instituição, exercendo vários cargos.

No *Fastos do Museu Nacional*, escrito por João Baptista de Lacerda (1846-1916) em 1905, para tentar dar conta da história da instituição, o autor faz uma relação dos funcionários do Museu segundo sua data de entrada. Alípio de Miranda Ribeiro aparece em 1894 como preparador interino da 1ª Seção. No mesmo ano passa a preparador efetivo; naturalista ajudante interino em 1896; promovido a naturalista efetivo, em 1897; dispensado dessa função pela reforma de 1899, que extinguiu o cargo de naturalista. No mesmo ano é nomeado secretário, cargo que passa a ocupar oficialmente durante dez anos (Lacerda, 1905, p.173).

Mesmo nesse cargo, Miranda Ribeiro continuou realizando estudos em história natural e zoologia, o que pode ser comprovado através dos trabalhos publicados nos *Archivos* durante esse período. Em 1910, Ribeiro foi promovido a Professor-substituto da seção de Zoologia e em 1929, a Professor-chefe da mesma seção. Logo depois esse cargo foi transformado em naturalista classe L (Kretz, 1942, p. 6). Esta nova designação do cargo deve ter agradado a Miranda Ribeiro, já que em uma das conferências sobre os trabalhos da Comissão Rondon (mais especificamente, a terceira conferência) afirma que “professor é todo indivíduo que, devidamente autorizado, profes-

sa uma disciplina qualquer” porque os professores “depois de terem aprendido as verdades admitidas e não mais discutidas, sujeitam-se a exame, para mostrar que sabem transmitir essas verdades e as professam a quem quiser aprendê-las” (Ribeiro, 1945 [1916], p. 72).

Nessas conferências, Ribeiro critica os regulamentos que organizam o Museu por achar que a atribuição do ensino não deve ser uma função desse tipo de instituição. Aquela seria uma instituição de pesquisa que deveria estudar os diversos aspectos da história natural do país, para que seus recursos fossem bem aproveitados. Para Ribeiro,

É certo que todos nós que temos o dever de explicar ao público pagante o que é e para que serve tal rocha, tal planta ou animal, se nos queremos classificar pelos nomes de geólogos, botânicos, zoólogo, etc. [...] não sei porque teimosia havemos de ser Professores! Todo o homem que toca rabeça é rabequista, que pinta é pintor, que preside é presidente e nós, que fazemos ciências naturais não somos naturalistas; que fazemos zoologia não somos zoólogos; que fazemos botânica, não somos botânicos! (Ribeiro, 1945 [1916], p. 72)

Essas mesmas críticas sobre os regulamentos, o orçamento, a organização e as atribuições do Museu e de seus funcionários aparecem em uma série de cartas que Alípio Ribeiro escreveu e publicou no jornal *O Paíz*, em novembro de 1914. Segundo ele, as cartas eram respostas às críticas que a instituição vinha recebendo pela ineficiência e, portanto, pelo desperdício do dinheiro público, uma vez que era sustentada pelo governo.

Em primeiro lugar, ele critica a organização dos museus brasileiros “*a la mode de Paris*”. Reconhece que a República favoreceu os museus existentes aqui e fundou outros, criou laboratórios que tornavam muitos tipos de pesquisas possíveis, etc. Mas a organização de museus como o Nacional, segundo o zoólogo, um museu complexo, é dispendiosa e se torna ineficiente, pois as verbas são mal distribuídas, há poucos funcionários e estes têm tantas atribuições que os colocam em “situação sobre-humana” (Ribeiro, 1914, p. 6). Ele defende a separação do Museu Nacional em quatro museus diferentes, autônomos e sem a obrigatoriedade do ensino, posição que aparece também nas conferências.

Nesse sentido, Ribeiro não está em sintonia perfeita com o “movimento dos museus” que acontecia no mundo, já que, segundo Lopes, a nova orientação preconizava a dupla função dessas instituições como espaços de investigação científica e de colaboração com a instrução do público leigo (Lopes, 2005, p. 22). Não é que pensasse que a educação desse público não fosse importante. Apenas assume que uma instituição de pesquisa deve empregar sua verba e a energia de sua comunidade na pesquisa, deixando o ensino para os professores que aprenderam “as verdades admitidas e não mais discutidas”, e que teriam mais condições de realizar tal tarefa com maior eficiência. Por outro lado, a organização das seções e das coleções propostas pelo zoólogo seguiam a proposta do movimento.

A função de ensinar (sendo através de cursos ou conferências) parecia realmente incomodar Alípio Ribeiro. Para ele, a época era “do domínio da especialidade” e era preciso “fazer a ciência com a ciência; é preciso especializar para fazer bem feito” (Ribeiro, 1945 [1916], p. 82). Assim, investigar a natureza e ensinar aparecem, nesses discursos, como atribuições não compatíveis. O especialista em pesquisa não deveria gastar seu tempo ensinando, pois, para isso, havia outros especialistas. Ele, então, poderia trabalhar mais tempo em seu campo e obter mais benefícios para o país. Os museus são as instituições onde trabalham esses especialistas e se constituem em “bibliotecas concretas” que “encerram a expressão exata da Natureza ou as lições materiais do próprio saber humano” (*ibidem*, p. 64). E, uma vez que as bibliotecas disseminam o saber e “são a base de todo o progresso”, os museus devem ter importância capital para a nação. São eles que produzirão o conhecimento que permitirá aos governos administrar com critério científico, o que ainda não aconteceu no Brasil: “a administração não contempla o científico”, desta forma, no Brasil, “ainda é muito obscura a idéia de museu” (Ribeiro, 1914, p. 2).

Na verdade, os textos publicados em jornal e as conferências sobre a Comissão Rondon são utilizados por Alípio Ribeiro para defender a instituição onde se encontra e suas posições em relação à ciência. Essas conferências, segundo o autor, teriam sido concebidas como parte das homenagens que Roquette Pinto (1884-1954) queria

fazer a Cândido Rondon (1865-1958) pelos serviços prestados ao Museu Nacional e ao país. Cada seção da instituição faria uma exposição sobre os avanços proporcionados pelas viagens.

Em suas exposições, Miranda Ribeiro critica o modelo de organização do Museu copiado da França por Ladislau Neto e afirma que deveríamos olhar para a Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos cujas grandezas se assentam no valor e na orientação que dão à pesquisa científica porque esta lhes dá as bases para o crescimento (Ribeiro, 1945 [1916], p. 82).

Segundo Lopes essas posições de Ribeiro são coerentes com o movimento mundial dos museus que tinham na Inglaterra e Alemanha, principalmente (mas também nos Estados Unidos), seus modelos e onde houve a separação de coleções de áreas diferentes, com ganho de autonomia e incorporação de laboratórios à pesquisa de campo. E nesse movimento, segundo a autora, o darwinismo teve papel importante, revigorando os museus existentes e estimulando a criação de outros (Lopes, 2005, p. 25).

Alípio Ribeiro participou da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, conhecida como Comissão Rondon, que pretendia ligar os territórios e estados do norte e centro do país à capital por meio do telégrafo. Ele foi contratado como zoólogo e viajou pelo interior do Brasil entre 1908 e 1909 coletando material, descrevendo, identificando, reunindo notas sobre zoogeografia, ecologia e a biologia dos espécimes, além de pequenas observações sobre a população. Ele também faz comentários sobre os habitantes do interior do Brasil, a partir dos trabalhos de Roquette Pinto na comissão entre 1908 e 1915. Por esses comentários pode-se também inferir algumas de suas posições em relação ao papel da ciência na promoção do progresso e da civilização. Segundo Ribeiro, Roquette Pinto realizou brilhantemente seu trabalho e mostrou que:

Existe o homem selvagem na região percorrida; existe aí o homem na idade da pedra; foram encontradas 20 nações indígenas; foram conhecidas as sub-divisões políticas dessas nações, localizados os seus limites geográficos; houve uma avaliação aproximada do número de almas que as compõem e discriminaram-se as suas relações filogenéticas e estudaram os seus usos e costumes. [...] pela face socio-

lógica [o trabalho de Roquette Pinto] assegurou, mais, aos brasileiros civilizados, a possibilidade de expansão pela Rondônia, até ontem em poder exclusivo daquelas nações selvagens. (Ribeiro, 1916, p. 4)

Assim, Ribeiro mostra que o trabalho científico feito com método, critério e clareza (atributos mencionados algumas vezes ao longo dos textos), pode trazer, não só conhecimento, mas também a possibilidade de intervenção civilizatória. Segundo Nísia Trindade Lima, ao “contato com os homens selvagens somava-se a idéia de um domínio sobre a natureza” (Lima, 1999, p. 73). A coleta e o estudo de espécimes e dados forneceriam a base para esse domínio, uma das funções da ciência para o país. O objetivo da Comissão, segundo o autor, era fazer o estudo da região “sob pontos de vista diversos e dos produtos extrativos desta, principalmente os minerais” (Ribeiro, 1916, p. 4). No entanto, a missão superou seus objetivos, na visão de Ribeiro, pois, além deles, fez mais pelo Museu Nacional em oito anos do que tinha sido realizado em 100 anos de existência da instituição. Ele se referia ao aumento substancial das coleções de geologia e mineralogia, botânica, zoologia, e antropologia e etnografia, além dos inúmeros trabalhos e relatórios escritos a partir dos dados e espécimes coletados. Não economiza adjetivos positivos para falar da maioria dos cientistas participantes da Comissão, como Roquette Pinto, Carlos Moreira, Carlos Schreiner, Alberto Betim, Cícero de Campos, Frederico Carlos Hoehne, entre outros. Porém, também critica a atuação de alguns por considerar que lesaram a ciência e a nação, numa oportunidade tão ímpar como a que tiveram. Fala, principalmente, em Emílio Goeldi e Karl Carnier.

No entanto, ao final, o saldo foi positivo. Os escritos dos participantes do Museu na Comissão revelaram para a comunidade científica nacional e internacional inúmeras espécies novas, induziram a revisões as classificações, forneceram dados mais precisos sobre as regiões fito e zoogeográficas brasileiras e suscitaram discussões em torno das populações indígenas do interior do Brasil e da possibilidade de intervenção sobre elas. Lima também situa o alcance dos trabalhos para muito além do seu objetivo oficial (Lima, 1999, pp. 72-73).

Ao longo das conferências, e também nas cartas publicadas em *O Paíz*, há muitas críticas em relação à falta de critério com que se acei-

tam a presença e a opinião dos estrangeiros na ciência nacional. Segundo Alípio Ribeiro, por causa da supervalorização do estrangeiro, nossas riquezas e conhecimento escorrem para o exterior sem deixar aqui nenhum vestígio. Isso não só prejudicaria a ciência local, mas, como esta é a base do progresso, terminaria por prejudicar também a nação.

Alípio Ribeiro ainda acrescenta que o Coronel Rondon organizou e comandou o trabalho sem “nenhum segredo, nenhum recurso extraordinário. Não se mandou buscar ninguém nas nuvens ou na lua – empregou-se aquela gente de que já vos falei e que eram apenas homens de bom senso e conhecedores de seu ofício” (Ribeiro, 1945 [1916], p. 91). Afirma que Rondon enriqueceu a ciência nacional ao comandar os trabalhos nas ciências naturais e também mostrou que o Museu Nacional tem homens capazes e competentes. Todas as produções realizadas a partir do trabalho na Comissão comandada por Rondon estavam sendo bastante consultadas e constituíam “prova evidente do alto critério científico que as tem dominado e da nítida compreensão de verdadeiro patriotismo” (*ibid.*, p. 28).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alípio de Miranda Ribeiro se tornou zoólogo por vocação, segundo seu biógrafo, e pela prática. Entrou no Museu Nacional em 1894 e lá permaneceu até sua morte, em janeiro de 1839, apesar de todas as atribulações pelas quais passou a instituição. Conheceu e se tornou amigo de alguns dos mais eminentes cientistas brasileiros de sua época. Trabalhou na instituição que, de acordo com Thomas Glick, tem a biblioteca que possui “a melhor coleção de darwinistas do século XIX, dentre todas as instituições da América Latina”, incluindo todos os trabalhos de Darwin, a coleção quase completa dos livros de Ernst Haeckel (1834-1919) e a obra completa de Thomas Huxley (1825-1895), em inglês, francês e alemão (Glick, 2003, pp. 22-23). Instituição essa que estava inserida no movimento mundial de expansão dos museus, no qual o evolucionismo teve papel importante. Nos textos das conferências, o darwinismo de Ribeiro não aparece de forma direta e esse não é o objetivo principal desses textos. Mas suas

referências à zoogeografia, à fitogeografia, ao estudo da ecologia e mesmo às “relações filogenéticas” estabelecidas por Roquette Pinto para os índios das regiões percorridas, além de citar várias vezes os darwinistas, mostram a sua filiação à teoria.

Além disso, traduziu um dos primeiros, senão o primeiro trabalho que buscava encontrar evidências concretas para dar suporte à teoria de evolução por seleção natural de Darwin (Barros, 2003; Domingues, Sá & Glick, 2003; Glick, 2003; Papavero, 2003). Esse trabalho, *Für Darwin*, foi publicado por seu autor, Fritz Müller (1821-1897), em 1864 na Alemanha. Era baseado em pesquisas realizadas pelo autor com animais da classe dos crustáceos, no sul do Brasil. O trabalho de Müller foi traduzido para o português pela primeira vez por Alípio de Miranda Ribeiro, sob o pseudônimo de “Cryptus”, sendo publicado na revista *Kosmos* entre 1907 e 1908 (Papavero, 2003, p. 32). O próprio Müller, naturalista alemão que imigrou para o Brasil em 1852, vivendo em Santa Catarina, foi convidado e trabalhou como naturalista-viajante para o Museu Nacional entre 1884 e 1888³, interagindo com os outros pesquisadores da instituição durante a gestão de Ladislau Netto (1838-1894) como diretor (Domingues, Sá & Glick, 2003; Gualtieri, 2003; Papavero, 2003).

Ribeiro parecia não concordar com a atribuição educacional para os museus porque as tarefas do naturalista absorviam muito tempo. Além disso, as ciências já vinham se especializando e compreendia que a cada especialista cabia uma função. Para ele, a função do naturalista seria a de produzir conhecimentos nas ciências naturais que pudessem ser úteis para a nação e o museu seria a instituição adequada para esse trabalho. Produzindo conhecimentos, os naturalistas, cada um em sua área de atuação, poderiam contribuir para o desenvolvimento do país e construir uma nova representação do Brasil como acontecia com os Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra, considerados por esse ator, modelos de desenvolvimento.

Alípio Ribeiro procurou fazer sua parte. Produziu dezenas de trabalhos durante sua vida, principalmente sobre peixes, mas, também sobre anfíbios, aves, mamíferos, zoogeografia, ecologia, entre outros.

³ De acordo com Regina Gualtieri, Müller trabalhou como naturalista-viajante do Museu Nacional entre os anos de 1876 e 1891 (Gualtieri, 2003, p. 62).

Muitos foram publicados nos *Archivos do Museu Nacional*. Outros, publicados na *Revista do Museu Paulista*, nas revistas *Lavoura*, *Kosmos*, *Revista da Sociedade Brasileira de Ciências*, *Revista do Brasil*, *O Campo*, nos *Anais da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*, nos *Arquivos da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária*. Também publicou artigos e cartas em jornais, além dos relatórios e conferências sobre a Comissão Rondon. Alguns de seus trabalhos foram traduzidos e publicados em periódicos científicos ingleses, franceses e alemães.

Observando a natureza de alguns dos periódicos acima, também é possível perceber que Alípio Ribeiro não estava somente preocupado com a produção de conhecimento desconectado da realidade nacional, mas também com a aplicabilidade deles. A utilização dos conhecimentos produzidos aqui por cientistas preocupados com os problemas nacionais seria uma forma criteriosa de atingir a civilização e a modernidade desejada por nossos indivíduos educados e homens de ciência. Essa é uma das mensagens expostas nos textos aqui analisados. Tais textos, entretanto, suscitam muitas questões que ainda precisam ser mais trabalhadas como a imagem e função social do cientista e das instituições científicas, as relações entre ciência e política, a representação social do povo brasileiro, a influência das teorias evolucionistas nas práticas científicas, por exemplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, Ângela M. *Idéias em movimento: a geração de 70 na crise do Brasil Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BARROS, Henrique L. Prefácio. Pp. 9-14, in: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero; & GLICK, Thomas (orgs.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Dos micróbios aos mosquitos: a febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Editora UFRJ, 1999.
- COLLICHIO, Terezinha A. F. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universi-

- dade de São Paulo, 1988.
- DANTES, Maria Amélia & HAMBURGUER, Amélia Império. A ciência, os intercâmbios e a história da ciência: reflexões sobre a atividade científica no Brasil. Pp. 15-23, *in*: HAMBURGUER, Amélia I. *et al.* (orgs.). *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Editora da USP/Fapesp, 1996.
- Dicionário Histórico e Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>>. Acesso em: 19 de maio, 2004.
- DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero; & GLICK, Thomas (orgs.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.
- GLICK, Thomas. O positivismo brasileiro na sombra do darwinismo: o grupo Idéia Nova em Desterro. Pp. 181-189, *in*: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero; & GLICK, Thomas (orgs.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.
- GUALTIERI, Regina Cândida E. O evolucionismo na produção científica do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1876-1915). Pp. 45-96, *in*: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero; & GLICK, Thomas (orgs.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.
- . *Evolucionismo e ciência no Brasil: museus, pesquisadores e publicações 1870-1915*. [Tese de Doutorado]. São Paulo: USP, 2001.
- HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. São Paulo: HUCITEC / ANPOCS, 1988.
- KRETZ, José. *Alípio de Miranda Ribeiro (1834-1939): conferência biográfica*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1942.
- LACERDA, João B. de. *Fastos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.
- LIMA, Nísia T. Viagem científica ao coração do Brasil. *Revista da Fundação do Museu do Homem Americano* 3: 185-125, 2003.
- . *Um sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro: REVAN / IUPERJ / UCAM, 1999.
- LOPES, Maria M. Ciências e educação em museus no final do século

- XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* **12** (1): 13-33, 2005.
- PAPAVERO, Nelson. Fritz Muller e a comprovação da teoria de Darwin. Pp. 29-44, *in*: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero; & GLICK, Thomas (orgs.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.
- PETITJEAN, Patrick. Ciências, impérios, relações científicas franco-brasileiras. Pp 25-39, *in*: HAMBURGUER, Amélia I.; DANTES, Maria Amélia; PATY, Michel; & PETITJEAN, Patrick (orgs.). *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: EDUSP / FAPESP, 1996.
- RIBEIRO, Alípio de M. Os orçamentos do Ministério da Agricultura e os estabelecimentos de história natural (carta aberta à comissão dos três das comissões de finanças do Congresso). *O Paíz*, 18 nov. 1914, p. 6 e 24 nov. 1914, p. 2.
- . A Comissão Rondon e o Museu Nacional. (1ª conferência realizada pelo Professor Alípio de Miranda Ribeiro no dia 26 de março último, no Museu Nacional). *Jornal do Comércio*, 09 abril 1916, pp. 4-5.
- . *A Comissão Rondon e o Museu Nacional*. (Conferências realizadas pelo Professor Alípio de Miranda Ribeiro, no Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 1916). Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura / Comissão Nacional de Proteção aos Índios. Publicação nº 49 (2ª ed., 1945).
- STEPAN, Nancy L. Eugenia no Brasil 1917-1940. Pp. 331-391, *in*: HOCHMAN, Gilberto & ARMUS, Diego (orgs.). *Cuidar, controlar, curar. Ensaio histórico sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004 (Coleção História e Saúde).